

EDUARDO GIANNETTI

Trópicos utópicos

Uma perspectiva brasileira
da crise civilizatória

2ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Eduardo Giannetti

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Kiko Farkas e Ana Lobo/ Máquina Estúdio

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Carmen T. S. Costa

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giannetti, Eduardo
Trópicos utópicos : uma perspectiva brasileira da crise civilizatória / Eduardo Giannetti. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2742-9

1. Brasil – Condições econômicas 2. Brasil – Política econômica 3. Brasil – Política e governo 4. Civilização – Filosofia 5. Civilização moderna I. Título.

16-03205

CDD-338.981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Política econômica : Economia 338.981

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

Sumário

	PREFÁCIO	13
	PRIMEIRA PARTE	
1	A tríplice ilusão	21
2	A formiga metafísica	21
3	As grandes bênçãos	22
4	Quem não gosta de samba	23
5	Nada em excesso	24
6	Aberrações invisíveis	25
7	Ridículo evitado	26
8	O paradoxo da promessa	26
9	Perante o leitor	27
10	O inexpugnável mistério	27
11	A fome de sentido	28

12	<i>Natura codex est Dei</i>	29
13	A família dos porquês	30
14	O após a morte	31
15	Receita infalível para o niilismo	32
16	Bizarra empreitada	34
17	A chave do tamanho	35
18	A tábua de Avicena	36
19	Toda nudez	36
20	O futuro de uma desilusão	37
21	A crise de sentido	38
22	Anatomia do impasse	40
23	A maçã da consciência de si	40
24	Natureza cindida	41
25	<i>Libido sciendi</i>	41
26	Criador, criatura, criação	41
27	Religiosidade sem religião	43
28	A equação de Hume	43
29	<i>Insolubilia</i>	43
30	Microdiálogo escatológico	45
31	Ateísmo militante	45
32	<i>In God we trust</i>	46
33	Uma página de Emerson	47

SEGUNDA PARTE

34	Assimetrias	51
35	Ciência e mercado	51
36	Valor e preço	53
37	Roleta-russa com o planeta	53
38	<i>Air-conditioned nightmare</i>	55
39	Ardil da desrazão	56
40	A idolatria do PIB	57
41	Progresso	58
42	Os dois caminhos da felicidade	59
43	Império reverso	60

44	O berço de uma utopia	61
45	Onde mora o perigo?	64
46	Falácia da indução	64
47	Em defesa dos profetas	64
48	Pingue-pongue	66
49	O ético e o prazeroso	66
50	A última palavra	67
51	30 de abril de 1986	68
52	A pedagogia da dor	69
53	Autópsia de utopia	71
54	Diálogo interdito, metabolismo aviltado	74
55	O devaneio de Fichte e o alerta de Engels	74
56	Graças do sol	76
57	Plano e mercado	77
58	A falha capital do mercado	79
59	O quadrante do desespero	82
60	Rorschach ideológico	83
61	<i>De te fabula narratur</i>	84
62	Caverna digital	85
63	Tópicos distópicos	86
64	Uma página de Valéry	86
TERCEIRA PARTE		
65	Descanso de Pirro	91
66	Entreouvido em Atenas	92
67	Rivalidade fratricida	92
68	Liberdade e necessidade ao revés	94
69	Ser livre	96
70	Trabalho alienado	96
71	A charada do consumo	98
72	<i>Luxury for all</i>	101
73	Apontamentos para uma história da propaganda (1)	102
74	A corrida armamentista do consumo	102
75	Apontamentos para uma história da propaganda (2)	104

76	Igualdade de quê?	105
77	Dano colateral da desigualdade	107
78	Inscrito na parede de uma barbearia popular	108
79	<i>And one more for the road</i>	109
80	O galo e o presidente	110
81	Alma adúltera, vida casta	111
82	Quadratura do círculo	111
83	A Bíblia adúltera	111
84	A domesticação do animal humano	112
85	A granja hobbesiana	114
86	Caliban e seu duplo	116
87	Antropologia reversa	118
88	Geórgica da mente	119
89	Instintos e civilização	121
90	Variação sobre um tema de Diderot	124
91	Instintos e descivilização	124
92	Ser e parecer	126
93	Fidúcia indumentária	128
94	Triplicidade	128
95	A utopia da destruição da privacidade	129
96	<i>Concupiscentia carnis</i>	132
97	Paradoxo do cristianismo	135
98	Princípios de sociobiologia calvinista	137
99	A crise da ecologia psíquica	137
100	Insustentável rudeza	140
101	Uma página de Octavio Paz	141

QUARTA PARTE

102	Fertilidade das utopias	145
103	Trópicos utópicos	146
104	Vidas paralelas	146
105	<i>The American dream</i>	149
106	Santíssima trindade	152
107	A sentença de Goethe	153

108	Tempo é dinheiro	154
109	Um idílio chinês do século VIII	154
110	O primeiro ensaio do Carnaval	155
111	Sardinha imortal	157
112	Gênios brasileiros	159
113	Barraco objetivo, palácio subjetivo	160
114	Marx e Nietzsche nos trópicos	162
115	Delírios gêmeos	164
116	Mão de preto no couro	164
117	Darwin nos trópicos	167
118	A fala da língua	169
119	<i>Dancing in the streets</i>	170
120	Miméticos e proféticos	172
121	Imperialismo reverso	176
122	Suor bíblico e suor dionisíaco	176
123	Sonhar o Brasil	178
124	A questão irrespondida	181
	NOTAS	183
	ÍNDICE ONOMÁSTICO	213

Prefácio

A inutilidade dos prefácios é um lugar-comum da história dos prefácios, portanto serei breve. Quem somos nós? Qual o lugar do Brasil no mundo e o que nos distingue como nação? É próprio da melhor tradição de intérpretes do Brasil abordar a questão da nossa identidade de um ponto de vista histórico e retrospectivo — buscando em nossas raízes e na formação da nação brasileira, com suas bênçãos e males de origem, o segredo da nossa singularidade e destino comum. Este livro revisita o tema da identidade, porém com uma diferença de enfoque. O objetivo é analisar os elos que nos ligam ao mundo e distinguir os traços que nos definem como nação, mas a partir de um olhar utópico e prospectivo. Cada cultura incorpora um sonho de felicidade. Que constelação de valores seria capaz de nos unir em torno de um projeto original de realização no mundo globalizado? Existirá uma utopia mobilizadora da alma e das energias dos brasileiros? A que vem o Brasil, afinal, como nação? Trópicos utópicos: no desconcerto plural de uma civilização em crise descortinar a pauta e o vislumbre de uma utopia brasileira no concerto das nações. Este livro abraça e atíça o desafio de desentranhar luz das trevas — o que nunca fomos e, no entanto, arde em nós. O Brasil anseia por poetas videntes e profetas analíticos; por estadistas capazes de construir democrática e conscientemente, sem bravatas nem estridências, os sonhos inconscientes da nação. O Brasil tem fome de futuro.

O plano geral do argumento segue fielmente o roteiro delineado na primeira seção do livro (§1 “A tríplice ilusão”). Uma análise dos males e dilemas do mundo moderno constitui o prelúdio adequado para a discussão da possibilidade de algo melhor no futuro. As 124 seções ou microensaios que compõem o texto estão divididas em quatro partes. As três primeiras abordam respectivamente os três ídolos da modernidade — a ciência, a tecnologia e o crescimento econômico — e os impasses oriundos dos seus cultos. A quarta parte introduz a questão nacional e elabora de forma explícita a perspectiva brasileira que orienta a discussão da crise civilizatória. A conclusão (§123 “Sonhar o Brasil”) oferece um esboço de utopia do anacronismo-promessa chamado Brasil. Como o leitor atento e sem pressa — essa grande utopia de quem escreve — não deixará de notar, *Trópicos utópicos* é um livro dotado de mais estrutura do que a divisão do texto em seções numeradas possa talvez à primeira vista sugerir. As fontes das citações e dados empíricos usados no texto encontram-se nas notas no final do volume.

A longa gestação deste livro se confunde com tudo que vi, li e ouvi desde que me dou por gente. Daí que as dívidas acumuladas em décadas de pesquisa, ensino e amizades tornam impraticável nomear a todos a quem gostaria de registrar minha gratidão — a lista resultaria a um só tempo em-

baraçosamente longa e ainda assim omissa. Sinto-me feliz, contudo, em expressar o meu agradecimento a dois livros e uma cidade. Se toda escrita reflexiva envolve a prática de um diálogo a sós ou solilóquio, a leitura não raro se revela uma espécie de metempsicose que nos faculta habitar temporariamente o pensamento de outrem. O mergulho em duas obras recentes de antropologia exerceu um papel decisivo na formação da minha capacidade de apreciar a riqueza dos saberes e da cultura de extração ameríndia e africana na vida brasileira: *A inconstância da alma selvagem*, de Eduardo Viveiros de Castro, e *A utopia brasileira e os movimentos negros*, de Antonio Risério. À hospitalidade e generosa acolhida na pousada Solar da Ponte e na cidade histórica de Tiradentes, no interior de Minas Gerais, devo não só o ambiente ideal de trabalho como também o aprendizado de um Brasil profundo onde a vida sonhada não é miragem ou saudade, mas real delicadeza, despojamento e cordialidade. Ao testemunhar todos os dias que a Mata Atlântica, após anos de retração e declínio, voltou a cobrir as encostas da serra de São José, no entorno de Tiradentes, aprendi uma grande lição de esperança: a natureza e as sociedades humanas são portadoras de energias regeneradoras das quais mal desconfiamos.

**Primeira
parte**

A tríplice ilusão. — O tempo decanta o passado. O que hoje está patente, ontem mal se entrevia. O mundo moderno nasceu e evoluiu embalado por três ilusões poderosas: a de que o pensamento científico permitiria gradualmente banir o mistério do mundo e assim elucidar a condição humana e o sentido da vida; a de que o projeto de explorar e submeter a natureza ao controle da tecnologia poderia prosseguir indefinidamente sem aticar o seu contrário — a ameaça de um terrível descontrole das bases naturais da vida; e a de que o avanço do processo civilizatório promoveria o aprimoramento ético e intelectual da humanidade, tornando nossas vidas mais felizes, plenas e dignas de serem vividas. Se é verdade que uma era termina quando as suas ilusões fundadoras estão exauridas, então o veredicto é claro: a era moderna caducou. Crítica ou resignação? E nós, brasileiros, recalcitrantemente “condenados à civilização”, *o que temos com isso?* Estaremos um dia à altura de ter algo a dizer e propor diante da crise civilizatória?

A formiga metafísica. — Piquenique no parque. Em pé sobre a relva, amigos conversam animadamente. Mas, ao servir um dos convivas, o anfitrião tropeça e derruba a jarra de ponche no chão. O pesado objeto despenca no topo de um recém-formado formigueiro e destrói a morada dos insetos, espalhando seus corpos e ovos por toda parte. Mal refeita do

choque, a mais filosófica dentre as formigas sobreviventes logo se põe a especular — *Por quê?* Que desgraça ou punição era aquela? Estupidez cósmica ou maldição? Como explicar a queda do bólido aterrador — a jarra — que irrompeu dos céus feito um raio, dizimou a colônia e foi instantaneamente seguida por um verdadeiro dilúvio de líquido rubro que a tudo arrastava, encobria e afogava com sua força torrencial? — Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão limitadas, frágeis e rústicas são as nossas mais sofisticadas e inspiradas tentativas de responder aos “por quês” da existência e tapar com mitos e explicações de toda ordem os buracos da nossa infinita ignorância. Quanto mais subimos na encosta do que a ciência nos faculta conhecer, a superfície das coisas, mais descemos na gruta do que mais importaria saber — o porquê e o para quê de tudo. Que sabe a aranha da Via Láctea ou o tamanduá do cogito cartesiano? E, no entanto, vivem — como nós.

3

As grandes bênçãos. — Voltaire dizia que os céus nos deram duas dádivas a fim de compensar as inúmeras desventuras da vida: a *esperança* e o *sono*. O austero Kant endossou a apreciação, mas sugeriu que ele poderia ter adicionado o *riso* à lista. O elenco, quem haveria de negar, é digno de respeito, porém não deixa de trair uma geografia estreita e parcial das nossas fontes de alento e ânimo vital. Nele se reflete, penso eu, uma predileção do espírito

pouco afeita à sensibilidade mediterrânea ou tropical, ou seja, a formas de vida mais receptivas à fruição e deleite na órbita dos sentidos. Não deixa de ser sintomático que a nenhum deles tenha ocorrido incluir a *música*, o *vinho* ou o *sexo* (não necessariamente nessa ordem) entre as bênçãos da vida sublunar.

4

Quem não gosta de samba. — “Como se dá que ritmos e melodias, embora tão somente sons, se assemelhem a estados da alma?”, pergunta Aristóteles. Há pessoas que não suportam a música; mas há também uma venerável linhagem de moralistas que não suporta a ideia do que a música pode suscitar nos ouvintes. Devido à sua perturbadora sensualidade, Platão condenou certas escalas e ritmos musicais e propôs que fossem banidos da *pólis*; Agostinho confessou-se vulnerável aos “prazeres do ouvido” e se penitenciou por sua irrefreável propensão ao “pecado da lascívia musical”; Calvino alerta os fiéis contra os perigos do caos, volúpia e efeminação que ela provoca; Descartes temia que a música pudesse superexcitar a imaginação; Adorno viu na ascensão do jazz americano no pós-guerra um sintoma de regressão psíquica e de “capitulação diante da barbárie”. — O que todo esse medo da música — ou de certos tipos de música — sugere? O vigor e o tom dos ataques traem o melindre. Eles revelam não só aquilo que afirmam — a crença num suposto perigo moral da música —, mas também o que deixam transparecer. O pavor

pressupõe uma viva percepção da ameaça. Será exagero, portanto, detectar nesses ataques um índice da especial força da sensualidade justamente naqueles que tanto se empenharam em preveni-la e erradicá-la nos outros? O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos. Por vias oblíquas ou com plena ciência do fato, eles sabiam do que estavam falando.

5

Nada em excesso. — A inscrição no templo de Apolo em Delos, centro religioso e geográfico do mundo grego, abriga uma peculiar instabilidade lógica. Submeta o “nada em excesso” à sua própria imagem no espelho: a injunção moduladora do princípio da moderação também se aplica reflexivamente a si mesma? É possível exceder-se e ir longe demais no intento de nunca ir demasiado longe; de nunca ultrapassar a certa e sóbria medida? É possível, enfim, pecar por excesso de moderação? Ao mirar-se no espelho, a força moduladora do preceito délfico se vê compelida a baixar o tom e moderar a si mesma: *nada em excesso*, inclusive na moderação. — Mas isso não é tudo. Ao argumento lógico podemos acrescentar um complemento ético. Como saber *até onde ir*? Como descobrir a justa medida? Se nunca testarmos os limites, jamais teremos condições de determiná-los, visto que só aqueles que ousam e se arriscam a ir longe demais são capazes de chegar a saber quão longe se pode e, sobretudo, se *deve* ir. “A estrada dos excessos”, reza um dos provérbios do inferno de William Blake, “leva ao palácio

da sabedoria.” A subversão dionisíaca, quem diria, pulsa no âmago da razão apolínea.

6

Aberrações invisíveis. — Em retrospecto salta aos olhos. Re-
cemos um pouco no tempo. Ainda nas gerações de nossos
avós, bisavós e tataravós, coisas que hoje julgamos etica-
mente aberrantes foram praticadas de modo corriqueiro, ao
abrigo da lei, nas mais avançadas nações do mundo ociden-
tal: a escravidão nas relações de trabalho; a punição corpo-
ral de alunos nas escolas; o duelo nas questões de honra; a
interdição do voto feminino; a prisão ou castração química
dos homossexuais; a segregação racial; a cauterização do
clítoris como “cura” da masturbação em meninas (vigente
nos Estados Unidos até meados do século xx); a criminali-
zação do consumo de álcool (Lei Seca) e do sexo oral (como
no estado americano da Geórgia até 1993, inclusive entre
casais casados, com pena máxima de vinte anos de reclu-
são). — Inverta-se, contudo, o exercício: transportemo-nos
mentalmente no tempo para daqui a cem ou duzentos anos
e examinemos, em olhar reverso, a nós mesmos. O que sal-
tará aos olhos da geração dos nossos netos, bisnetos e tata-
ranetos como singularmente aberrante em nossas práticas
e costumes? Ou teremos, quem sabe, alcançado um padrão
ético quase irrepreensível; um inédito ápice civilizatório,
como também imaginaram em sua época nossos ances-
trais, que nada viam de errado no que faziam ou, incomo-
dados, preferiam desviar o olhar?

Ridículo evitado. — As leis da Inglaterra vitoriana puniam severamente o homossexualismo masculino, mas eram omisssas no tocante à mesma conduta entre as mulheres. Quando a falta de isonomia foi apontada e uma lei redigida visando suprir a lacuna, a rainha Vitória recusou-se a assiná-la, alegando ser ridículo coibir o que não pode existir. Inviabilidade anatômica?! — Esdrúxulo exemplo da falta de imaginação no poder.

O paradoxo da promessa. — Em que circunstâncias alguém se exalta e defende com ardor uma opinião? “Ninguém sustenta fervorosamente que $7 \times 8 = 56$, pois se pode mostrar que isto é o caso”, observa Bertrand Russell. O ânimo persuasivo só recrudesce e lança mão das artes e artimanhas da retórica quando se trata de incutir opiniões que são duvidosas ou demonstravelmente falsas. — O mesmo vale para o ato de prometer alguma coisa. O simples fato de que uma promessa *precisou ser feita* indica a existência de dúvida quanto à sua concretização. Só prometemos acerca do que exige um esforço extra da vontade. E quanto mais solene ou enfática a promessa — “Te juro, meu amor, agora é pra valer!” — mais duvidosa ela é: *protesting too much* (“proclamar excessivo”) como dizem os ingleses. “Só os deuses podem prometer, porque são imortais”, adverte o poeta.

Perante o leitor. — A palavra incita: *decodifique-me*; a frase pleiteia: *creia-me*; o parágrafo cobra: *interprete-me*; e o livro roga: *leia-me*. O autor semeia, a leitura insemina.

O inexpugnável mistério. — Aceitemos de bom grado a máxima formulada pelo físico nuclear dinamarquês Niels Bohr segundo a qual “a tarefa da ciência é reduzir todos os mistérios a trivialidades”. Aceitemos também a conjectura de que, com o tempo e o trabalho sem tréguas, os cientistas tenham conseguido levar a cabo a tarefa da ciência e todos os mistérios — da origem da vida e da unidirecionalidade do tempo à natureza da “matéria escura” e da relação mente-cérebro —, tenham afinal rendido os seus segredos e se revelado ao olhar humano naquilo que são: trivialidades perfeitamente inteligíveis no ordenamento natural das coisas. — Pois bem. Terminada a tarefa da ciência, restará ainda um derradeiro enigma diante do qual ela não tem, nem poderá vir a ter, o que dizer: o mistério da trivialidade de tudo. Mas, se, *per absurdum*, o derradeiro mistério viesse também ele a ser desvendado, isso apenas daria ensejo a um renovado enigma: o mistério da trivialidade da trivialidade do mistério de tudo.

A fome de sentido. — O que nos aconteceu? Como viemos parar aqui? Nada abrupto, seguramente, como costumam sugerir as mitologias das mais diversas tradições, mas em algum momento da sua mais remota ancestralidade os humanos foram tocados pela teima interrogante do saber. Gradualmente, o animal humano adquiriu uma capacidade que o distingue de todas as outras espécies naturais: a peculiar aptidão de recuar e se distanciar de si; de olhar para sua condição de um ponto de vista externo, como um ser entre os outros seres, e de se questionar acerca do seu próprio destino como pessoa, coletividade e gênero. *De onde viemos, por que vivemos, quem somos, o que vem depois?* O desejo de conhecer a verdade sobre o significado e o fundamento último da nossa existência, de um lado, e a necessidade de apaziguar essa inquietação e saciar a fome de sentido, de outro, alimentaram as incontáveis tentativas de formular narrativas e cosmologias que atendam a essas demandas e permitam, de tempos em tempos, reafirmar a crença na vida. Assim como, quer o queiramos quer não, temos todos uma moral e uma escala de valores, assim também, quer o saibamos quer não, temos todos uma metafísica: o desespero do niilista não menos que o êxtase do místico; a mitologia dos tupinambás ameríndios não menos que o positivismo lógico de Viena refletem a eterna demanda. Mas, se a fome de sentido é uma invariante da condição humana, as formas e estratégias de aplacá-la variam ao infinito.